ÉTICA E FORMAÇÃO DO PROFESSOR - A ESCOLHA, O COMPROMISSO E A COMPETÊNCIA

Raimunda Maria da Cunha Ribeiro – UESPI
raicribeiro@ig.com.br

Resumo: Nenhum país pode aspirar a ser desenvolvido e independente sem um forte sistema de educação superior. Esta pesquisa qualitativa baseou-se na pesquisa-ação. Foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: observação participante e projetos pedagógicos. Participaram 34 alunos do curso de Pedagogia. Os dados analisados demonstram que a universidade tem a função de formar o sujeito ético, inspirando-se no respeito pelo outro, na responsabilidade de desenvolver um trabalho pedagógico digno e na construção do senso de justiça; e que a responsabilidade pela formação profissional está em conceber a realização de um trabalho pautado no zelo e na competência, na teoria e na prática.
Palavras-chave: escolha; compromisso; competência

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, especificamente "pesquisa-ação" tem o objetivo de verificar de que forma a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), no município de Corrente-PI, tem lidado com a formação do professor na relação ética da teoria com a prática, especificamente no curso Pedagogia e, ao mesmo tempo, implementar estratégias formadoras do ponto de vista da autonomia. Diante da situação pela qual passa a UESPI, no campus objeto de estudo, algumas questões fazem-se necessárias: Como a universidade trabalha a relação ética na questão teoria-prática no contexto da formação do professor? Qual o papel da universidade como instituição educativa na formação do profissional da educação? Como a universidade pode atuar de forma diferenciada, no sentido de promover uma educação com qualidade e desenvolver atividades dentro de uma metodologia que possam preparar professores para lidar com as adversidades do dia-a-dia da escola?

Entende-se que algumas contribuições práticas podem gerar deste estudo, demonstrando sua importância, entre elas: discussão no âmbito da universidade sobre aspectos referentes à formação do professor concernentes à relação ética da teoria com a prática, planejamento e execução de projetos pedagógicos com alunos de licenciaturas nas aulas de Prática de Ensino. A partir das atividades práticas, os alunos podem compreender melhor o sentido do comprometimento com a educação, o senso de responsabilidade, de ética, de respeito com o outro e, também o significado de educar

para a autonomia. Em termos teóricos, a pesquisa pode contribuir para aprofundar o entendimento da complexidade do processo de formação profissional do professor da educação básica e suas implicações pedagógicas e sociais.

1. Ética e formação de professor: a escolha

A melhoria da qualidade do ensino, somente poderá ser alcançada se for promovida a valorização do professor. Esta valorização, talvez já comece com a sua formação. Por isso, diz que escolher uma profissão é algo complexo e comprometedor ao mesmo tempo. A temática da ética e da moralidade humana e da construção de valores pessoais e profissionais socialmente justificados parece adquirir mais força na sociedade moderna e até mesmo na estrutura das instituições de ensino. Mesmo que de uma forma indireta ou inconsciente, as escolas trabalham valores com seus alunos, mas isso precisa ser de uma forma mais articulada, buscando observar os interesses gerais da sociedade em que o grupo esteja inserido.

O ser humano vive em sociedade, convive com outros seres humanos e deve estar sempre atento à forma de como deve agir diante dos outros. Talvez essa proposta seja fácil de ser formulada, mas completamente difícil de ser "ensinada" e, principalmente vivenciada.

A responsabilidade de formar pessoas é bastante complicada, uma vez que as pessoas se formam mutuamente, na convivência, na troca de experiências. Sendo considerada uma tarefa difícil, o professor deve ser preparado para lidar com as mais variadas personalidades dos alunos. Entende-se que a valorização do professor seja um fator preponderante na construção de uma sociedade mais humana. A valorização aqui mencionada não diz respeito somente aos proventos, mas também às condições dignas de trabalho. É necessário, entretanto, que as universidades, faculdades ou institutos superiores de educação atentem-se para o fato de que o professor sendo bem preparado pode ter condições de melhor atender às necessidades sociais de seus alunos da educação básica.

Conforme Plano Nacional de Educação[1], a valorização do magistério só poderá ser obtida por meio de uma política global de magistério, a qual implica três variáveis, simultaneamente, a saber: a formação profissional inicial, as condições de trabalho, salário e carreira; e a formação continuada.

[1] BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Senado Federal, UNESCO, 2001.

A questão da formação do professor é mais que se discutir salários e valorização. Formar mais e com uma qualidade superior é apenas uma parte da tarefa das universidades. É preciso criar condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação, a ética e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico, ou seja, é ver seu aluno crescendo e se fazendo um cidadão ativo e participativo na sociedade na qual atua.

A formação do professor consiste na consciência de um trabalho, ao mesmo tempo árduo e dinâmico. É um trabalho exercido habitualmente nas células sociais, com o objetivo de ajudar a formar pessoas, para atuarem com seriedade e ética dentro e fora de seu contexto. Os deveres profissionais que esta profissão impõe são os da formação social em relação à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A escola tem demonstrado ser pouco eficiente e eficaz, por isso é necessário refletir para que se encontrem caminhos para sua transformação. Um deles pode ser a visão crítica do educador sobre seu papel enquanto um dos elementos que constitui o processo educativo. A questão talvez não seja se os professores estão refletindo sobre sua prática pedagógica, mas de que forma eles estão refletindo. O que se espera das instituições que formam o professor? O que espera do educador? O que lhe compete na formação da escola e da sociedade? Quais são os traços de sua competência ética enquanto profissional da educação? Para responder a estas questões é preciso recorrer à reflexão filosófica, destacando no trabalho do professor junto à comunidade a dimensão ética como instância de resgate da compreensão do significado político de sua ação.

As atividades docentes não se desenvolvem num plano isolado, elas carecem da relação interpessoal. Os sujeitos comunicam-se, informam-se e aprendem nesta relação. O mundo do trabalho se projeta com o incentivo à criatividade, ao domínio tecnológico, ao conhecimento científico e cultural e ao modo como se desenvolvem as ações. Segundo Ferreira[2], é um mundo no qual o respeito às escolhas profissionais vincula-se diretamente à vontade do indivíduo. A construção deste mundo, nesta perspectiva, funda-se na realização do próprio profissional mediante suas escolhas e suas respectivas produções.

2. Preparando para assumir a docência: o compromisso.

[2] FERREIRA, A. C. *Ensino religioso nas fronteiras da ética.* Petrópolis: Vozes, 2001.

Na escola, a educação é formal porque supõe um grupo de profissionais instruído para exercer determinadas funções e elaborar um projeto de ação mais efetiva. A instituição escolar não existiu sempre, e sua natureza e importância variaram no tempo, dependendo das necessidades socioeconômicas dos grupos em que esteve inserida. A escola necessária para os tempos modernos, como diria Neidson Rodrigues[3], é a escola democrática e que prepara os indivíduos para a democracia. É aquela que compreende e permite o conflito, e que é capaz de administrá-lo. É aquela que permite a manifestação das várias contradições que perpassam a escola. Deve ser um lugar onde os professores trabalham de maneira organizada, onde os alunos, pais e comunidade podem ter a capacidade de apresentarem suas alternativas, críticas, observações e sugestões. Pode-se pensar que a escola da qual a sociedade espera seja a capaz de ensinar a vencer o desafio e aprender a conviver com as diferenças.

A educação é antes de mais nada ação, práxis, decisão. Assim, falar "sobre" a educação sem esse pressuposto é trair a própria natureza da educação. A realidade da educação não é feita de grandes teorias. Em educação, as grandes teorias são estas "grandes peças" que podem impedir de dar importância aos pequenos "peões". O discurso, a crítica, a reflexão não são suficientes. Tudo isso resulta de uma prática resoluta da educação. Se a tarefa do professor não o ajuda a educar, todo o seu trabalho em educação pode ser inútil (Gadotti[4]). Educação é um processo historicamente construído com a finalidade de atender às necessidades sociais de um determinado povo em tempo e espaço específicos.

Parece inevitável falar de educação sem falar em aprendizagem. Na concepção moderna de educação, ensinar não significa transmitir dogmaticamente os conhecimentos, uma vez que se propõe, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais[5], que o aluno seja capaz de construir o próprio conhecimento. Ensinar compreende, portanto, todo um processo que possa estimular o curso vivo e dinâmico da aprendizagem.

Teorias da Psicologia apresentam explicações variadas e conflitantes com relação à definição de aprendizagem. Para Fontana[6], no processo de aprendizagem, a mudança de comportamento do indivíduo pode ocorrer como resultado da experiência.

---

[3] RODRIGUES, Neidson. (2001). **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. Educação e Sociedade v.22, n° 79. Disponível em www.scielo.br. Acesso em agosto de 2002.
[4] GADOTTI, Moaci. **A educação contra a educação**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
[5] BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.
[6] FONTANA, David. **Psicologia para professores**. São Paulo: Mande, 1994.

Campos[7], elenca uma série de definições, cada uma abordando aspectos diferentes, dependendo da corrente psicológica adotada: a teoria conexionista acredita ser a aprendizagem um processo de associação entre uma situação estimuladora e a resposta; os funcionalistas dizem ser o ajustamento do indivíduo com o meio; a Gestalt percebe-a como um processo que resulta na mudança da estrutura cognitiva do indivíduo.

Outras definições são descritas por Fontana[8], de acordo com as abordagens comportamentalista e cognitivista. Os comportamentalistas, por um lado, vêem a aprendizagem como conexões entre estímulo e resposta ou entre resposta e reforço, e atribui ao ambiente um papel determinante no desempenho do indivíduo. Os cognitivistas, por outro lado, não acreditam apenas no comportamento observável, mas consideram a habilidade do indivíduo para organizar mentalmente seu campo psicológico em resposta à experiência.

É difícil descrever uma definição de aprendizagem inteiramente satisfatória, visto que esta pode ser concebida como progresso alcançado pela prática ou como aproveitamento da experiência. É possível que certas aprendizagens não sejam progressos e que outras não sejam desejáveis nas suas conseqüências (Hilgard[9]). Para ele, aprendizagem é o processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma satisfação encontrada. Na verdade, as definições de aprendizagem sendo satisfatórias ou não, diferenciam entre si, ou se excluindo ou se complementando. Campos[10] caracteriza a aprendizagem como um **processo** dinâmico, contínuo, compósito, pessoal, gradativo e cumulativo.

O mundo vive a chamada "era da informação", onde os conteúdos e as informações estão cada vez mais disponíveis nas redes de computador. Analisando esta realidade, Ferreira[11] argumenta que a aprendizagem implica um processo de formação permanente que exige uma interação do sujeito com estímulos exteriores que oferecem uma nova forma de conhecer a realidade. Conhecer a realidade, portanto, implica construir um conhecimento que seja necessário para o exercício de atividades intelectuais e práticas. Quando se trata de formação do ser, acredita-se que a escola precisa se preocupar com o indivíduo como um todo. Por isso, é fundamental o reconhecimento e o respeito às diferenças.

---

[7] CAMPOS, David. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1977.
[8] Ibidem.
[9] HILGARD, E. **Teorias da aprendizage***m.* São Paulo: EPU, 1973.
[10] Ibidem.
[11] Ibidem.

Acredita-se que as diversas abordagens podem auxiliar o professor a planejar experiências de aprendizagem em diversos níveis, porém sem exageros e se atentando para as limitações de cada uma. O professor preparado técnica e politicamente é uma "ponte" no fortalecimento da educação. É preciso, portanto, que o sistema educacional se comprometa com a formação do profissional da educação, que acredite em seu potencial e valorize sua escolha.

O professor comprometido com a sua missão constrói e desenvolve o seu projeto político pedagógico com mais prazer e com muito menos cansaço. O perfil do professor comprometido com a educação baseia-se em algumas características: está em contínuo aperfeiçoamento; está consciente de que faz parte de um determinado contexto social; assume sua responsabilidade enquanto profissional da educação; assume uma postura pedagógica equilibrada; estimula seus alunos; incentiva a cooperação; inova suas metodologias; impõe limites e disciplina em seus alunos; planeja o ensino; procura estabelecer parcerias, compartilha informações e dialoga com seus pares.

Na perspectiva de Cássia da Silva[12], o professor sendo um ser social, age e sofre as ações de sua sociedade. Antes de ser profissional, o professor é uma pessoa. É na sociedade que ele vai se construindo como pessoa e como profissional. Como profissional, conforme afirma Cavaco (apud Cássia da Silva[13]), ele passa por um processo de profissionalização que se mescla com as fases de sua vida pessoal. Desse modo ele passa por um percurso profissional em que acontecem mudanças de aspirações, de sentimentos, de sentido da vida e da profissão.

A educação não pára de mudar. A sociedade não pára de mudar. E com tantas mudanças, muda também a imagem do professor. A sociedade atual caracteriza-se por seus aspectos altamente dinâmicos, exigindo do ser humano que dela participa uma aprendizagem também dinâmica. Cabe, então, à escola juntamente com seus partícipes desenvolver projetos nos quais estejam presentes: o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem o crescimento e a formação permanente de todos. Não é somente o aluno que aprende na escola. Também o aluno não aprende somente na escola. Juntos, professores e alunos podem desenvolver suas ações, calcadas no compromisso, na cooperação, na solidariedade e na ética para o direcionamento de uma sociedade mais justa e mais humana.

---

[12] SILVA, Rita de Cássia. O professor, seus saberes e suas crenças. In: Guarnieri, Maria Regina. **Aprendendo a ensinar**. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.
[13] Ibidem.

3 A prática formando pessoas: a competência

O que mais se ouve de professores em reuniões pedagógicas, seminários, congressos ou em qualquer outro contexto que se discute sobre educação é que muito se fala e pouco se aplica do que se sabe sobre o que é educação, como educar, a quem educar. Parece que as escolas brasileiras estão cheias de bons "teóricos", mas muito pouco suas ações pedagógicas têm causado impacto para se sair da tão famosa "crise" pela qual atravessa a educação pública brasileira. É possível perceber que os professores sabem como fazer. A diferença é que há uma enorme distância entre saber, saber fazer e saber fazer bem feito.

A teoria, por si só, não muda o mundo. Mas esta pode ser razão para mudá-lo. É a teoria que faz concretizar a ação. É pela teoria que se conhece os caminhos, que se percorre e que se chega aos objetivos com maior eficiência e eficácia. O discurso é muito fácil. O próprio professor pode se auto denominar "sou construtivista", "democrático", "ético", "sou competente". O contexto apenas do discurso não é suficiente, não significa mudança profunda de concepção de professor, mas apenas mudança de discurso. É a ação que indica as reais mudanças.

É preciso que o professor ultrapasse as fronteiras dos modismos dentro da educação; que promova uma autêntica situação de busca, frente às dificuldades da sala de aula, da escola, da comunidade; senão a educação vai estar sempre diante de uma situação dificultosa: o professor sabe a teoria, mas os problemas continuam em termos concretos. Há de se analisar, porém, que não há prática – tanto no sentido ético quanto técnico – puramente concreta, que não esteja vinculada a uma determinada teoria.

A questão é que há pouca reflexão sobre a prática dos professores, o que os torna pobres enquanto profissionais. Um professor que não usa a reflexão sobre seu trabalho está em um nível superficial da profissão. A unidade teoria-prática, neste contexto, ocorre de forma muito precária. Em educação as coisas não precisam ser pobres. A educação é uma via de formação das crianças e jovens. E o professor, o condutor através de sua ação.

Se no processo de planejamento, o professor está visando um certo tipo de ação, então ele precisa buscar a teoria que a substancie e, sobretudo, que possa servir de norte para sua prática. A relação teoria-prática deve ser muito próxima, para que o projeto pedagógico seja o melhor possível. A idéia ingênua de que basta conhecer a teoria, planejar bem, não faz a ação acontecer de forma que surpreenda, transforme e

forme pessoas. O que muda a educação, de verdade, são as pessoas que ocupam os diversos segmentos da escola e que devem ser comprometidas e competentes no que fazem.

Para Rios[14], na reflexão sobre a formação e o desempenho do professor há de se reportar à questão da competência, mais especificamente da presença de uma dimensão ética nesta competência. Ela analisa o caráter duplo dessa competência: sua dimensão *técnica* e sua dimensão *política.* Dimensões distintas, mas profundamente articuladas. É preciso saber *bem,* saber fazer *bem.* O termo "bem" reporta-se tanto à dimensão técnica – saber bem – quanto à dimensão política – fazer bem.

A competência, nesta perspectiva, significa *saber fazer bem,* nas dimensões: *técnica e política,* afirma Rios[15]. Melo (apud Rios[16] p. 46), sobre competência afirma:

> Por competência profissional estou entendendo várias características que é importante indicar. Em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber, de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre os vários aspectos da escola. Em terceiro lugar, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu, a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade, que passaria necessariamente pelas questões de suas condições de trabalho e de remuneração.

A competência do professor configura uma condição necessária, talvez não suficiente, para o pleno exercício da profissão. É importante, pois, que o professor saiba sobre sua missão, mas também saiba fazer bem seu trabalho, a fim de que cumpra com o seu papel de agente que contribui para a formação cidadã e ética de um sem número de alunos.

Na escola o professor exerce sua profissão, a qual representa o trabalho que se pratica com habitualidade a serviço de terceiros. Para Sá[17], a profissão oferece relação entre necessidade e utilidade no contexto social, na qual faz exigir uma conduta

---

[14] RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 2001.
[15] Ibidem.
[16] Ibidem.
[17] Ibidem.

específica para o sucesso de todas as partes envolvidas. Para ele, a profissão que pode enobrecer pela ação correta e competente, pode também ensejar a desmoralização, através da conduta inconveniente, com a quebra de princípios éticos.

Ainda com base em Sá[18], a competência pode ser analisada sob dois aspectos: *a competência sob o aspecto potencial* – conhecimento acumulado por um indivíduo, suficiente para o desempenho eficaz de uma tarefa – *e a competência do ponto de vista funcional* – exercício do conhecimento de forma adequada e pertinente a um trabalho. Eticamente, a competência como domínio do conhecimento, deve ser aplicada para o bem (sem a intenção de lesar a quem quer que seja), não devendo ser sonegada a ninguém. O professor que exerce a competência aplicando o conhecimento, mantendo aguçada a pesquisa, fazendo-se presente onde estiver o progresso do conhecimento, tende a uma evolução constante no caminho do êxito.

Os cursos de formação para o exercício do magistério, em sua maioria, ainda são idealizados segundo um modelo de transmissão de conhecimento. Tradif[19] explica que os alunos passam alguns anos assistindo aulas baseadas em disciplinas do currículo; ainda durante o curso eles vão aplicar estes conhecimentos na disciplina da Prática de Ensino por ocasião do estágio; e quando terminam o curso, eles começam a trabalhar aprendendo seu ofício na prática e constatando que esses conhecimentos, na maioria das vezes, não aplicam na ação cotidiana do fazer pedagógico. Com base nisto, percebe-se que a responsabilidade da universidade na formação do profissional da educação – ético e competente – é garantia para uma educação de qualidade e comprometida com a construção de uma sociedade melhor e cada vez melhor.

Com base em Tardif[20], constata-se que um professor de profissão não é somente o que aplica os conhecimentos produzidos e construídos, nem somente uma pessoa determinada por mecanismos sociais. Do professor licenciado, formado na universidade, espera-se que seja um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. O pensamento, as competências e habilidades e os saberes dos professores não devem ser vistos apenas como realidades estritamente subjetivas, pois são socialmente produzidas

[18] SÁ, Antônio Lopes. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas, 1998.
[19] TARDIF. Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.
[20] Ibidem.

e partilhadas. Com base nisso, é que se percebe o professor como um sujeito ativo de sua própria prática.

Os professores poderão ser reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros agentes de transformação social, éticos e competentes quando começarem a reconhecerem-se uns aos outros como sujeitos, pares iguais que podem juntos aprender a construir um mundo melhor. Para Tardif[21], a aquisição da sensibilidade relativa às diferenças entre os alunos constitui uma das principais características do trabalho docente. O saber profissional deve configurar-se num componente ético e emocional. Explica Denzin (apud Tardif[22]), que o ensino é uma prática profissional que produz mudanças emocionais na pessoa do docente. As práticas profissionais que envolvem emoções suscitam questionamentos que levam o docente a questionar suas intenções, seus valores e suas maneiras de fazer. Portanto, a ética profissional não se restringe apenas ao discurso, mas é condição essencial à prática profissional zelosa, honesta e competente.

Alunos e professores são seres humanos, cuja cooperação deve envolvê-los para que aprendam e para que o clima na sala de aula seja comprometido com a tolerância e o respeito mútuo, assim como aos outros. A formação para o ensino exige a prática da pesquisa, a construção do conhecimento, a motivação para o fazer bem e a abertura para a aprendizagem. Portanto, exige-se dos cursos universitários de formação de professores que suas práticas sejam dinâmicas, motivadas e comprometidas com a ética profissional.

Tratar da formação de professores é reportar-se a questões relevantes nesse processo. A escolha, o compromisso e a competência são elementos que estão diretamente ligados a esta formação, em consonância com a questão do conhecimento, dos saberes, do saber fazer, do saber fazer bem, das habilidades e da ética. Todos estes aspectos devem servir de base ao trabalho dos professores no ambiente escolar.

[21] Ibidem.
[22] Ibidem.

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que trata da ética e da formação do professor, tem como princípio analisar, discutir e propor ações concretas em um contexto educacional específico.

A abordagem metodológica utilizada neste estudo foi a pesquisa-ação. Foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: observação participante e projetos pedagógicos: *projeto de confecção de livros didático e projeto de integração social.*

Observação participante

A observação foi desenvolvida de modo efetivo, onde as situações que emergiram foram tratadas com os participantes em termos de suas significações. O objetivo da observação, nesta pesquisa, foi registrar determinadas situações por ocasião da coleta de dados.

Projetos pedagógicos

Os projetos pedagógicos foram dois: Confecção de Livros Didáticos e Integração Social, aplicados com alunos do curso de Pedagogia na disciplina Prática de Ensino do ano de 2008, somando um total de 34 participantes.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Caracterização geral da turma pesquisada: Pedagogia

- 34 alunos regularmente matriculados.
- Faixa de idade: varia de 19 a 30 anos.
- Todos professores da rede pública estadual e/ou municipal.

1.1 Correspondência entre teoria e prática

Os alunos participantes sendo professores de escolas públicas, apresentam um nível de experiência muito bom na área da docência.

1.2 Relacionamento entre aluno x aluno

O relacionamento apresenta-se dentro da normalidade, ora com discussões, mas sem muitos conflitos, até porque são alunos adultos e sabem porque estão na universidade. Os alunos são amigos, companheiros e colaboradores entre si.

1.3 Atuação pedagógica dos alunos participantes

Há uma correspondência evidente entre o que é proposto pelo professor e a receptividade por parte dos alunos. Significa dizer que eles se propõem a realizar as atividades que lhes são solicitadas. Isto demonstra interesse, participação e espírito inovador dos mesmos. As aulas de Prática de Ensino são executadas de maneira viva e dinâmica, dada a quantidade de atividades práticas realizadas pelos alunos. Estes são receptivos às atividades propostas e, participativos, o que torna o ambiente da sala da aula dinâmico e inovador.

1.4 Avaliação de desempenho dos participantes

Em termos de desempenho acadêmico, os alunos são muito bons. É certo que nenhuma turma é homogênea. Alguns são sempre melhores que outros ou apresentam interesse mais que outros.

2. Projetos Pedagógicos

2.1 Projeto de Confecção de Livros Didáticos

Nos tempos atuais, nenhuma caracterização das funções da educação parece mais adequada do que a associação da mesma à função de formação do cidadão, à construção da cidadania e do sujeito ético. Acredita-se que educar para a cidadania é calcar um trabalho docente voltado para a construção de sujeitos participantes e construtores de sua própria história. É preciso que a escola ensine o aluno a pensar. E mais que isso: dê a esse aluno a oportunidade para pensar. A universidade é grande responsável por uma formação ética e competente do professor que irá atuar junto ao aluno e comprometer-se com a formação de sujeitos éticos.

Alguns aspectos interessantes foram observados por ocasião das aulas de elaboração desse material: a integração dos componentes de cada grupo, a criatividade, o compromisso em fazer o que estava sendo solicitado e a vontade de fazer bem feito.

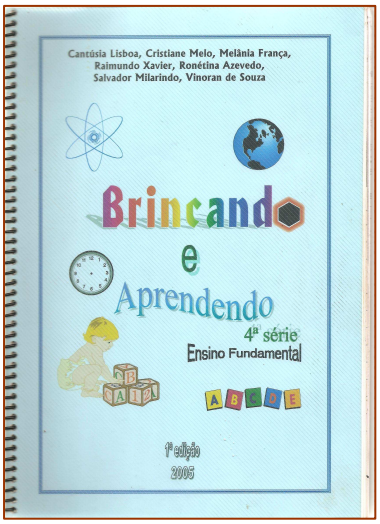

Fig. 01. Amostra de um dos livros produzidos pelos alunos

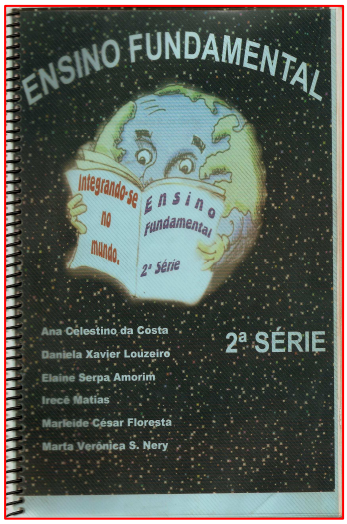

Fig. 02. Amostra de um dos livros produzidos pelos alunos

Pode-se observar que as amostras formam uma produção simples, mas com a "cara" dos alunos que as produziu. Com isso os alunos foram capazes de pensar um pouco mais e construir o próprio material didático, que posteriormente foi utilizado por ocasião do estágio supervisionado e, possivelmente após o estágio. Muitos dos estagiários puderam fazer uso desse material em suas próprias salas de aula.

2.2 Projeto de Integração Social

A primeira atividade realizada por um grupo de alunos foi uma **Conferência sobre Ética e Educação**. Como conferencistas estiveram presentes: um professor da universidade, dois professores externos e uma aluna da turma.

Fig. 03. Conferência preparada pelos alunos sobre Ética e Educação

Fig. 04. Participantes da Conferência

Após as exposições dos conferencistas, houve a participação dos alunos com perguntas e comentários, enriquecendo de forma expressiva, o conhecimento sobre ética profissional, aqui especificada no contexto da educação. Além do conhecimento sobre ética e educação alcançado com o evento, foi possível observar que os alunos, quando

estão envolvidos em atividades desafiadoras, demonstram maior interesse em participar do processo de ensino-aprendizagem.

Outra atividade foi uma **Excursão Pedagógica**. O objetivo foi, além de integrar os alunos e a comunidade, preparar os mesmos a organizarem eventos que dizem respeito ao contexto escolar. Pouco ou nada adianta, se o professor detém a competência técnica, mas não sabe compartilhar idéias, nem definir práticas para o bem comum.

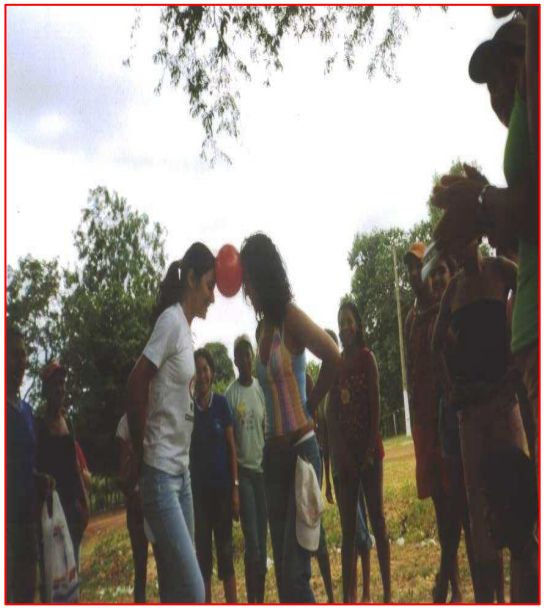

Fig. 05. Excursão Pedagógica envolvendo toda a turma

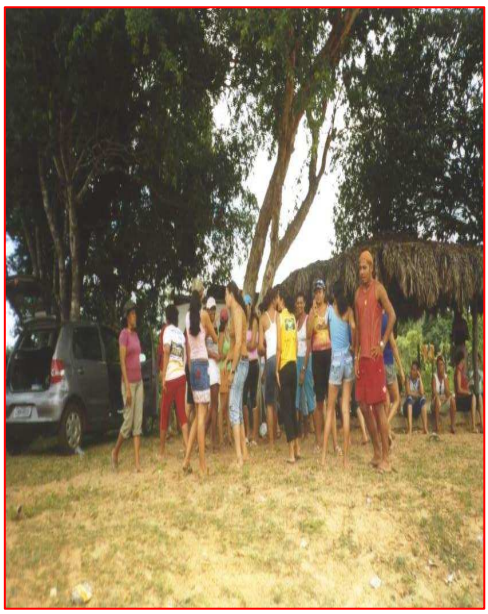

Fig. 06. Atividades didático-pedagógicas

A idéia de se fazer atividades de integração é imperativo nas escolas do mundo moderno. Aprender não é só desenvolver atividades cognitivas, uma vez que o aluno, sujeito do processo e não mais objeto, é também um ser social, afetivo, intelectual e espiritual. O objetivo não fica apenas no plano da diversão. Muito se ensina e muito se aprende nesse tipo de atividade. Brincando também se aprende e é muito mais prazeroso.

CONCLUSÕES

Aprender e ensinar constituem-se em duas atividades muito próximas da experiência de qualquer ser humano. As pessoas estão em constante troca de experiências e saberes, nas quais elas ensinam e aprendem ao mesmo tempo. O processo de ensino-aprendizagem configura-se na socialização e pode conceber-se como uma atividade comunicativa, que requer dedicação e competência, tanto de quem ensina

quanto de quem aprende. Nesse processo estão implícitas algumas variáveis: a motivação e as estruturas cognitivas do aprendiz, o que é ensinado e o contexto da comunicação.

A universidade tem a função de formar o sujeito ético, inspirando-se no respeito pelo outro, na responsabilidade de desenvolver um trabalho pedagógico digno e na construção do senso de justiça. É no senso de justiça e de responsabilidade da universidade que a ética se objetiva e possibilita o exercício da autonomia, tendo a liberdade como possibilidade de escolha, para tentar tomar a melhor decisão. A responsabilidade pela formação profissional está em conceber a realização de um trabalho pautado no zelo e na competência, na teoria e na prática.

Na busca incessante da valorização da profissão, o professor, a cada dia tem encontro marcado com o conhecimento e, também com a reflexão sobre seus conceitos e paradigmas. O bom professor aposta na educação como um processo de mudança, ainda que com as condições precárias de trabalho nas escolas públicas (a maioria destas), possuem como infra-estrutura apenas a sala de aula, com o quadro e o giz. Os profissionais estão em busca do aperfeiçoamento, procurando fazer sua parte, talvez até sonhando com o processo de construção de um novo modelo educacional, apesar dos baixos salários e condições de trabalho pouco assistidas. A universidade é uma instituição também formadora e seu objetivo não se restringe a proporcionar apenas o acesso ao conhecimento, mas fazê-lo de modo crítico, com ética, vinculando teoria e prática.

Não se pode deixar de mencionar aqui três elementos de extrema amplitude para uma boa formação profissional quando o ofício é a docência, que também implica na formação de novas pessoas: a escolha, o compromisso e a competência. A escolha perpassa pela formação ética, no sentido de fazer valer o livre arbítrio, no sentido de se poder fazer aquilo que possa remeter à formação, além da profissional, também a pessoal. O compromisso consiste em ser um profissional ciente do que quer e preparado para assumir a docência, capaz de planejar, executar e avaliar tanto suas ações quanto o processo de ensino-aprendizagem. A competência refere-se à relação ética da teoria com a prática no exercício da humana docência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BBRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Senado Federal, UNESCO, 2001

CAMPOS, David. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FERREIRA, A. C. **Ensino religioso nas fronteiras da ética**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FONTANA, David. **Psicologia para professores**. São Paulo: Mande, 1994.

GADOTTI, Moaci. **A educação contra a educação**. São Paulo: Paz e Terra,1994.

HILGARD, E. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1973.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Neidson. (2001). **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. Educação e Sociedade v.22, n° 79. Disponível em www.scielo.br. Acesso em agosto de 2002.

SÁ, Antônio Lopes. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas, 1998.

SILVA, Rita de Cássia. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, Maria Regina. **Aprendendo a ensinar**. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

TARDIF. Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.